



**Para uma vida consagrada mais significativa na cultura e na Igreja de hoje. Desafios de hoje e de sempre**

*José Rodríguez Carballo, Arcebispo secretário da CIVCSVA*

Falar da vida consagrada na cultura atual e na Igreja significa falar dos desafios que a vida consagrada é chamada a enfrentar hoje, o que não é nada de novo. Há já algum tempo que alguns deles têm sido apontados. Em qualquer caso, é importante que nós, consagrados, coloquemos esta questão, porque isso ajudar-nos-á a permanecer sempre vigilantes para não nos deixarmos apanhar pelo sono e trabalhar para conseguir uma vida cada vez mais significativa. O consagrado deve questionar-se sempre: Como situar-nos na nossa cultura e na situação da Igreja de hoje?

Gostaria de destacar três notas neste momento, porque me parecem importantes. Nos desafios que a vida consagrada enfrenta neste momento, alguns são mais prementes do que outros, pelo que a primeira coisa que se pede aos consagrados é o discernimento, de modo a que seja dada prioridade a uns sobre outros.

É uma questão metodológica fundamental, uma vez que nem todos os desafios se podem enfrentar ao mesmo tempo, nem se podem investir em todos eles as mesmas forças e energias. Também aqui é muito válido o apelo constante do Santo Padre à vida consagrada e à própria Igreja: a necessidade de regressar ao essencial, a necessidade de regressar ao Evangelho. Só assim poderemos ocupar um lugar positivo na sociedade e na Igreja e ter uma palavra com autoridade numa e noutra.

A segunda nota, que se depreende da primeira, é que precisamos de retomar o carisma e os elementos essenciais da vida consagrada, para os re-ler e re-criar, para nos re-apropriarmos deles, de tal modo que possam ser “linguagem” inteligível para os homens e mulheres de hoje e para que possamos testemunhá-los em toda a sua beleza.

A vida consagrada não pode continuar a refugiar-se no “sempre se fez assim” ou nas tradições. *As tradições são para manter vivo o fogo, não para adorar as cinzas*, na expressão do Papa Francisco tomada de Gustav Mahler. O nosso tempo, mesmo com os seus problemas, pode ser um *kairos* que propicie um diálogo profundo com a cultura atual e reencontre o seu próprio lugar na Igreja de hoje, se o assumirmos como tempo para *reavivar o dom de Deus que está em nós* (cf. 2 Tim 1,6), se o aproveitarmos para *fazer memória do passado com gratidão*, mas uma *memória deuteronómica, memória fecunda*, de que nos fala o Papa Francisco, não uma memória dominada pela nostalgia ou uma *memória arqueológica*. O carisma não é peça museológica que não se pode

tocar, é, sempre na expressão do Papa Francisco, “como a água, estagnada apodrece”<sup>1</sup> e para que não estagne e corra é necessário *purificá-lo*, submetê-lo à poda como acontece com as árvores se quisermos que continuem a dar frutos. Fazendo memória do passado, devemos redescobrir a seiva primitiva que os nossos fundadores nos transmitiram, não devemos contentar-nos simplesmente em repetir-nos. Tudo isto nos ajudará a “responder à vida com a paixão de estar comprometidos com a história, *metidos na coisa*, sem ter medo de nos lançarmos, como o guarda-redes no futebol para salvar penaltis de onde quer que venham”<sup>2</sup>.

A terceira nota que considero importante ter presente é que, ao falar de desafios, não podemos referir-nos apenas aos problemas que a vida consagrada tem neste momento, mas também, e diria sobretudo, às possibilidades que tem diante de si esta forma de *sequela Christi*. Isto far-nos-ia tirar forças da nossa fraqueza e potenciar tudo o que é positivo na nossa vida e que muitas vezes desconhecemos, dando assim asas aos *profetas de desgraças* que tanto mal fazem à Igreja e à vida consagrada.

Tendo em conta o que foi dito, assinalo dois desafios/possibilidades da vida consagrada que incluem muitos outros: recuperar a capacidade de deslumbramento e de admiração e devolver à vida consagrada todo o seu encanto. E tudo isto para dar lugar à vida consagrada na cultura e na Igreja de hoje.

## 1. RECUPERAR A CAPACIDADE DE DESLUMBRAMENTO E ENCANTO

Lendo os Evangelhos, salta à vista o deslumbramento, o encanto que os seguidores de Jesus manifestam perante o que Ele diz e faz, é evidente. Deslumbramento pelo que diz, porque *ensina com autoridade e não como os escribas* (cf. Mc 1, 22). Encanto pelo que faz, porque *faz tudo bem* (Mc 7,37). O deslumbramento/encanto, particularmente no Evangelho de Marcos, abre o coração ao bem, provocando perguntas que por sua vez geram a fé, que se traduz em seguimento (cf. Mc 1, 22ss).

O deslumbramento/encanto provoca e inquieta ao ponto de exigir uma resposta imediata. Só assim se compreende a rapidez na resposta dos discípulos ao convite de Jesus para o seguirem: “...imediatamente deixaram as suas redes e seguiram-no” (Lc 1,18, cf. 1,20; 2,14). Diante do deslumbramento/encanto que uma pessoa provoca, não se pode ficar insensível; antes, provocam uma forte decisão de comunhão com ela; provocam também paixão de ser como ela, dizer o que ela diz e fazer o que ela faz, estar com ela, fim de toda a vida consagrada.

O deslumbramento/encanto é o primeiro passo para a reflexão e a contemplação, ilumina a mente, toca o coração e move os pés e as mãos para caminhar e agir. O deslumbramento/encanto dissipa as sombras, encontrando a luz original que, uma vez encontrada, se converte no sentido profundo da existência. Como diz São Francisco de Assis, ao escutar o Evangelho da missão na Porciúncula: “Isto peço, isto quero, isto anseio fazer com todo o coração”<sup>3</sup>. Tal resposta só é

---

<sup>1</sup> FRANCISCO, *La fuerza de la vocación. La vida consagrada hoy. Una conversación con Fernando Prado*, Ed. Claret, Madrid, 2018, 45. [edição portuguesa: *A força da vocação: a vida consagrada hoje. Uma conversa com Fernando Prado*, Paulinas 2018].

<sup>2</sup> *Ibidem*.

<sup>3</sup> CELANO, TOMÁS de, *Vida primera*, IX.

possível a partir do deslumbramento e do encanto dos próprios consagrados e desde o deslumbramento e o encanto provocados em quantos nos rodeiam.

Se seguir Cristo no deslumbramento/encanto é assumir um caminho de conversão que nunca termina, o encanto abre uma porta à conversão, dos próprios consagrados e dos nossos contemporâneos, à experiência de um Deus que permanece sempre jovem. Desta forma, o deslumbramento/encanto é o antídoto contra a rotina e abre-se a experiências novas. Sem deslumbramento/encanto prevalece a fadiga, o cansaço, um sentido pesado do dever, a rotina diária. Como queremos ser compreendidos e ser capazes de sacudir a cultura atual e a própria Igreja se a nossa “lâmpada está apagada” pela rotina? Como podemos “despertar o mundo” (Papa Francisco) se estamos adormecidos, se o nosso passo cansado e o nosso falar são fruto de “lições aprendidas” ou de simples ideologia que mutilam o Evangelho?<sup>4</sup>

O deslumbramento/encanto na vida consagrada, por outro lado, permite dar primazia à transmissão de uma experiência que muda a vida, abre a porta à narração, a forma mais suscetível de fidelidade à experiência religiosa a partir da palavra; à confissão que culmina com o gesto vivido, narrado, partilhado (cf. Jo 10,25); gesto que se transforma em arte, memória da narração, memória da inquietação religiosa, do desejo de transcendência.

Tudo isto culmina na nova evangelização e numa catequese verdadeiramente vocacional, pois só pode contagiar encanto quem vive no deslumbramento e no encanto; só pode contagiar o entusiasmo e a alegria de seguir Jesus quem vive no deslumbramento/encanto desse seguimento. Só a partir do deslumbramento/encanto nos podemos converter em alegres mensageiros de propostas superadoras, “guardiães do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho”<sup>5</sup>.

Se o deslumbramento/encanto é essencial na vida do crente, muito mais na vida de um consagrado, na medida em que a irrupção do sagrado é sempre extraordinária: o transcendente irrompe no imanente e surpreendente, o inesperado no habitual e incontrolável, o infinito no finito. Sem deslumbramento e encanto não há possibilidade de *vertigem* que vá desde as dúvidas e queixas até à mais profunda interpretação; desde a súplica mais confiada até à mais extenuante, o clamor. Sem deslumbramento e encanto não há silêncio, a mais alta forma de comunicação entre pessoas que se amam, a única *linguagem* que nos permite compreender o silêncio de Deus em nós próprios e no nosso mundo<sup>6</sup>. Sem deslumbramento e encanto não há amor que dure, não se mantém a fidelidade ao dom recebido, nem se experimenta a alegria da perseverança<sup>7</sup>. Sem deslumbramento e encanto, a relação com o Senhor na vida consagrada arrefece e a resposta vocacional acaba por faltar. Sem admiração e espanto, a vida consagrada perderia a paixão que alimenta a procura e dá pleno sentido ao encontro, como no *Cântico dos Cânticos*.

O deslumbramento/encanto provoca, inquieta. Se não queremos acomodar-nos e permitir que pouco a pouco se apague o ardor da nossa entrega ao Senhor e venha ao menos o primeiro amor (cf. Os 2,9), nós, consagrados, temos que renovar todas as manhãs a capacidade de

---

<sup>4</sup> Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate* (2018), 100-103.

<sup>5</sup> FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (2013) 168.

<sup>6</sup> Cf. BRU ALONSO, MANUEL MARÍA, *Asombro y empatía. Dos claves para renovar el lenguaje de la evangelización y de la catequesis*, Ciudad Nueva, Madrid, 2017, 33-41.

<sup>7</sup> Cf. CIVCSVA, *O dom da fidelidade. A alegria da perseverança. Manete in dilectione mea (Jo 15, 9)*, (2020). Talvez deveria encontrar-se aqui uma das causas dos abandonos na vida Consagrada.

deslumbramento e encanto. Responder a este desafio é essencial nestes tempos em que a vida consagrada, bem como a própria vida cristã, corre o risco de adormecer e perder o grande desafio que tem pela frente: despertar o mundo<sup>8</sup>. É disto que a nossa cultura e a própria Igreja de hoje precisam.

## 2. DEVOLVER À VIDA CONSAGRADA TODO O SEU ENCANTO

Encanto: alegria contagiosa, forte atração, frescura suave e estimulante esperança. Pela sua natureza, o encanto desperta graça e simpatia, imaginação e fantasia, criatividade, força, entusiasmo e ilusão<sup>9</sup>. O contrário do encanto é o desencanto: frustração, cansaço, monotonia, desilusão, rotina, tristeza. O desencanto é o túmulo dos sonhos e da esperança que pode acabar no arrependimento das decisões tomadas na altura, até ao ponto de se abandonar a vida consagrada, e que corta as asas à nossa presença evangelizadora no mundo e na Igreja.

Os consagrados têm diante de si um desafio/possibilidade importante: fazer que a vida consagrada continue a manter o seu encanto para os próprios consagrados, mesmo depois de muitos anos de a terem abraçado, e despertar atração e simpatia nos de “de fora”, não só para a admirar e “ser interessante para os colecionadores de recordações”<sup>10</sup>, como se fosse uma peça de museu, mas para se comprometerem nela, para se deixarem seduzir por ela e para que continue a ser significativa no mundo de hoje, apresentando-se como um modo alternativo de vida ao que oferece o mundo e a cultura dominantes, e, em definitivo, para que continue a ser profética. Nós, consagrados, temos diante de nós a possibilidade e o desafio de fazer da nossa vida uma vida atraente pela sua beleza, sendo testemunhas de um modo diferente de fazer, de agir e de viver, convencidos de que “é possível viver de um modo diferente neste mundo”<sup>11</sup>.

Certamente que para alcançar tudo isto não basta pensar na *estética* da vida consagrada, nem basta fazer belas e utópicas declarações de princípios que nada têm a ver com o realismo da vida, nem muito menos pôr remendos novos em vestidos desgastados (cf. Mc 2,21). Para transmitir o encanto que a vida consagrada encerra em si mesma, é necessário pôr o *vinho novo em odres novos* (cf. Mc 2,22). É necessário que os *odres* da vida consagrada não estejam secos nem rígidos, desgastados pelo tempo, mas que tenham uma certa elasticidade para aguentar a pressão viva do *vinho novo* que vem do Espírito e dos nossos carismas. É necessário que estes *odres* permitam a respiração do *vinho novo*, em constante ebulição<sup>12</sup>. Sempre, mas hoje talvez mais do que nunca, a vida consagrada deve levar a sério o que dizia Teresa de Ávila pouco antes de morrer: “É tempo de caminhar”, ou, como disse Jesus ao paralítico: *levanta-te, pega na tua esteira e começa a andar* (cf. Mc 2,11).

Fazer o contrário seria ceder à tentação *isomórfica*, à tentação de manter as formas de sempre, à tentação do “*sempre se fez assim*”; significaria renunciar à *parresia* evangélica, à *fidelidade*

<sup>8</sup> Francisco, *Carta aos consagrados* (2014) II, 2.

<sup>9</sup> Cf. RODRÍGUEZ ECHEVERRÍA, ÁLVARO, *El “encanto” en la vida consagrada*, en *Pasión por Cristo, pasión por la humanidad*, Public. Claretianas, 2005, 370.

<sup>10</sup> CSTEGNARO, A., *Giovani in cerca di senso*, Qiqajon, Magnano 2018, 112.

<sup>11</sup> FRANCISCO, *Illuminate il futuro. Una conversazione raccontata da Antonio Spadaro*, Ancora, 2015, 13.

<sup>12</sup> Cf. CIVCSVA, *Vinho novo, odres novos. A vida consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto. Orientações* (2017), 2.

*criativa*<sup>13</sup>, a fazer *memória fecunda* ou *memória deuteronomica*, de que já falámos, com o conseqüente perigo de optar pela simples sobrevivência ou pela administração de uma agonia que nada tem a ver com a vida em plenitude que Cristo nos veio trazer (cf. Jo 10,10).

Apresento alguns elementos que ajudarão a vida consagrada a recuperar o seu encanto, onde a perdeu, e a ser luz para a cultura atual e para a nossa Igreja.

## **2.1. A paixão por Jesus**

A paixão é a linguagem dos enamorados, como podemos contemplar no *Cântico das Cânticos*. A paixão deveria ser a linguagem dos consagrados. Sem paixão a vida consagrada torna-se insonsa, insípida, não serve para nada (cf. Mt 5,12). A paixão, ao invés, provoca a busca constante, quase dramática, até nos convertermos em “buscadores” daquele que primeiro nos amou (cf. 1Jo 4, 10) e chegar, por graça, a encontrar a pessoa amada (cf. Cant 3, 1ss).

Jesus Cristo é a única razão que pode justificar a vida consagrada. É Ele o elemento fundante da mesma. A paixão por Jesus foi o que levou Paulo a confessar: “Para mim viver é Cristo” (Fil 1,21). A paixão por Jesus é o que levará os consagrados a descobrir Jesus como o TUDO, como dizia São Francisco de Assis: “Tu és TUDO: o bem, o sumo bem, o todo bem”<sup>14</sup>, e a ter a experiência de Teresa de Ávila: “Só Deus basta”<sup>15</sup>.

“Uma vez que a norma última da vida consagrada é o seguimento de Cristo tal como se propõe no Evangelho, esta deve ser considerada por todos os institutos como regra suprema”<sup>16</sup>. Para manter viva a paixão na procura e no seguimento de Cristo, é necessário que nós, consagrados, retomemos o Evangelho como nossa norma de vida<sup>17</sup>, como norma suprema até nos transformar em “exegese viva da Palavra de Deus”<sup>18</sup>, como acontece na vida dos nossos fundadores e fundadoras, para quem “qualquer outra regra era apenas expressão do Evangelho e instrumento para o viver melhor”<sup>19</sup>.

Neste contexto, com a ajuda do Papa Francisco, nós, consagrados, temos de nos questionar: O Evangelho é verdadeiramente o *vademecum* para a nossa vida quotidiana e para as opções que somos chamados a fazer constantemente<sup>20</sup>, ou é letra morta a que nos referimos talvez para justificar a nossa mediocridade ou mesmo para condenar os outros? “Deixemos que Jesus nos atinja com as suas palavras, que nos desafie, que nos interpele a uma verdadeira mudança de vida”<sup>21</sup>. Se a vida consagrada deixasse de ser uma dança ao ritmo da “música do Evangelho”, nada teria a dizer à cultura atual, nada teria a dizer à nossa Igreja, também ela necessitada de dançar ao ritmo dessa mesma música, para responder aos sinais dos tempos.

---

<sup>13</sup> JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Vita consecrata* (1996) 37.

<sup>14</sup> FRANCISCO DE ASSIS, *Alabanzas al Dios altísimo*, 3.

<sup>15</sup> TERESA DE ÁVILA, *Poesías*.

<sup>16</sup> CONCÍLIO VATICANO II, Decreto *Perfectae caritatis*, 2.

<sup>17</sup> CIVCSVA, Instrução *Partir de Cristo. Um renovado compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milénio*, Paulinas 2002 24.

<sup>18</sup> BENTO XVI, Exortação Apostólica *Verbum Domini*, 83.

<sup>19</sup> FRANCISCO, *Carta a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada* (2014) I, 2.

<sup>20</sup> *Idem*.

<sup>21</sup> FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et exultate* (2018) 66.

Outra questão que não podemos evitar e que o Papa também nos faz é: Que lugar tem Jesus na minha vida? “É ele o primeiro e o único amor que nos propusemos a nós próprios quando professamos os nossos votos? Se assim for, então podemos e devemos amar com verdade e misericórdia cada pessoa que encontramos no nosso caminho, porque teremos aprendido com ele o que é o amor e como amar: saberemos amar porque teremos o seu próprio coração”<sup>22</sup>.

Na vida do consagrado, a paixão pelo Senhor não pode chegar ao mínimo, pois só ela nos pode afastar da tentação de “cavar cisternas rachadas que não podem conter água” (Jer 2, 13); só ela nos pode mover a frequentar a “fonte das águas vivas” (cf. Jer 2, 13; Jo 4, 1ss) e motivar-nos a deixar o “cântaro” incapaz de conter a água que sacia a sede (cf. Jo 4, 28), a deixar o velho, que já passou, e assumir o novo, que já começou (cf. 2Cor 5, 17), com toda a frescura e a novidade que a pessoa de Jesus traz consigo.

Quem verdadeiramente se encontra com Jesus não pode deixar de responder em cada momento e circunstância, segundo o Espírito, aos “gritos” que nos chegam de dentro e de fora. A pessoa de Jesus por si só desperta entusiasmos e arrasta quem se encontra com ela e a converte em mediação para que outros possam encontrar-se com Jesus (cf. Jo 4,39-42).

Em estreita relação com a centralidade de Jesus na nossa vida de consagrados está o tema da espiritualidade, fruto do encontro com Jesus e do seu conhecimento progressivo. A espiritualidade que emana desse encontro e conhecimento levar-nos-á a assumir o mesmo espírito e as mesmas atitudes de Jesus para percorrer o caminho que o Senhor propõe a cada um de nós: as bem-aventuranças, “o cartão de identidade do cristão [...] Nelas é desenhado o rosto do Mestre, que somos chamados a transparecer no quotidiano das nossas vidas”<sup>23</sup>.

No meio da indiferença em que vivemos, ninguém contesta a sede de Deus que atormenta tantos homens e mulheres do nosso tempo, tanto dentro como fora da Igreja. Esta sede nem sempre encontra as fontes apropriadas para saciar-se. Temos de reconhecer que nem todos os caminhos conduzem à *fonte de águas vivas*. Nem sempre é possível falar de uma espiritualidade cristã e evangélica quando se fala de espiritualidade. Em muitos casos, mais frequentemente do que pensamos, as fórmulas, os ritos e as devoções que se tornam repetitivas e rotineiras vieram substituir a *frescura* produzida pelo encontro com o Senhor.

A espiritualidade, para ser evangélica e cristã e possa atrair os nossos contemporâneos, deve ser uma espiritualidade unificada, que sem qualquer dicotomia nos torne filhos do céu e filhos da terra; uma espiritualidade em tensão dinâmica que nos converta em místicos e profetas; uma espiritualidade de presença que nos transforme em discípulos e testemunhas<sup>24</sup>. Em suma, trata-se de uma espiritualidade que nos leve a deixarmo-nos moldar pelo Senhor, como o barro nas mãos do oleiro (cf. Jer 18,1-6); de uma espiritualidade encarnada no quotidiano, uma espiritualidade fraterna<sup>25</sup> ou de comunhão que nos leve “a sentir e a viver a pertença mútua”<sup>26</sup>, que dê um claro sentido social da existência, contrária a uma espiritualidade intimista vivida individualmente, sem relação com os outros ou apenas com a minha própria.

---

<sup>22</sup> FRANCISCO, *Carta a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada* (2014) I, 2.

<sup>23</sup> FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et exultate* (2018) 63.

<sup>24</sup> Cf. RODRÍGUEZ ECHEVERRÍA, ÁLVARO, *Profecía de la existencia y presencia amorosa de Dios en la vida consagrada, en Identidad y profecía. Teología de la vida consagrada*, USG, 2011, 78ss.

<sup>25</sup> FRANCISCO, Encíclica *Fratelli tutti* (2020), 86.

<sup>26</sup> JOÃO PAULO II, *Novo millennio ineunte* (2001) 43.

Tal espiritualidade é a única que nos permitirá viver este momento da vida consagrada como um *kairós*, como um momento de graça, em constante abertura ao Espírito que, como o vento, *sopra onde quer, ouvimos o seu ruído, mas não sabemos donde vem nem para onde vai* (cf. Jo 3,8). O consagrado, se quer dizer algo com a sua vida à cultura de hoje e na Igreja do século XXI, não pode deixar de se levar pelo vento do Espírito e conjugar a *fidelidade* ao irrenunciável, aos elementos fundantes e fundamentais que não podem ser negociáveis, com a *criatividade* que o levará a dar uma resposta evangélica às novas realidades que vivemos hoje. Na vida de um consagrado, trata-se de harmonizar a continuidade, que lhe é dada pelos elementos constitutivos radicais, e a descontinuidade, que lhe é pedida pelas situações concretas do momento atual. Fidelidade e criatividade, continuidade e descontinuidade não se contrapõem, mas iluminam-se reciprocamente.

Em última análise, trata-se de viver a *espiritualidade do êxodo*, que nos leve a viver em profundidade o mistério da encarnação, e inclusive a *espiritualidade do exílio*, que nos permita viver e apresentar às pessoas um Deus próximo do povo, mais familiar e consolador: como pai (cf. Is 63,16), como mãe (cf. Is 43,3), como marido (cf. Is 54,4-5), como irmão mais velho (cf. Is 41,14). Sim, é urgente apresentar aos nossos contemporâneos um Deus próximo, compassivo e cheio de ternura, como nos foi revelado por Jesus. Isto só é possível a partir de uma espiritualidade profundamente evangélica.

O mundo tem fome e sede desta espiritualidade; a própria vida consagrada precisa desta espiritualidade se quiser sair das suas cavernas, dos seus medos, se quiser manter-se de pé, alimentar-se adequadamente e continuar a caminhar pelos caminhos da história, como o Senhor pede a Elias (cf. 1 Reis 19:7-8, 13), como a vida consagrada em saída<sup>27</sup>. Só a partir desta espiritualidade a vida dos consagrados poderá “mostrar a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir Cristo”<sup>28</sup>.

## **2.2. Criar fraternidades e despertar esperança**

Num mundo dividido e fragmentado, a vida consagrada tem diante de si um dever importante e especial: criar, suscitar, animar e sustentar comunidades fraternas que irradiem amizade, estímulos positivos, apoios e reconciliação: em suma, despertar esperança.

A *vida fraterna em comunidade* não é apenas um elemento essencial da vida religiosa e de muitas outras formas de vida consagrada, mas, quando é humana e humanizadora e aprofunda as suas raízes na comunhão trinitária, a *vida fraterna em comunidade* é profecia, é missão. Aí reside a importância de se construir autênticas comunidades fraternas e que o maior número de irmãos e irmãs se comprometam em tal construção. A *vida fraterna em comunidade* precisa de menos consumidores e de mais construtores, de homens e mulheres que ponham mãos à obra.

Construir comunidades fraternas implica realizar um êxodo que nem sempre é fácil, uma passagem:

– *De uma vida em comum a uma comunidade de vida*, rica em relações interpessoais, de acolhimento do outro (diversidade de culturas, idades, interesses...), de diálogo, de

<sup>27</sup> Cf. FRANCISCO, *Carta a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada* (2014) II, 4.

<sup>28</sup> FRANCISCO, *Carta a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada* (2014) II, 1.

discernimento, de liberdade responsável, de preocupação pelo outro. Numa sociedade como a nossa, de exclusão e de rejeição do diferente, que belo testemunho pode oferecer uma comunidade fraterna e aberta à hospitalidade do outro, sobretudo do que é diferente; que transmita o encanto de viver juntos, unidos na diversidade, criando espaços cheios de afeto, abertos, alegres, humanizadores!<sup>29</sup> Que grande testemunho podem dar comunidades fraternas que partilham diferentes culturas ou a *mística* do encontro!

– *De estruturas que infantilizam a apoios que formam pessoas adultas*: pessoas livres, criativas, capazes de discernimento. Neste sentido, o serviço de autoridade desempenha um papel importante, chamado a fomentar o crescimento das pessoas<sup>30</sup>.

– *Da uniformidade à comunhão na diversidade*, de modo que a vida fraterna possa ser, mesmo que palidamente, uma imagem da Trindade. É necessário combater o medo da diversidade. A vida consagrada só estará viva se conseguir integrar de modo fecundo tudo o que é diverso. “Fratelli tutti” pede-nos para superar o medo do outro e da diversidade, vista como um obstáculo<sup>31</sup>; convida-nos a reconhecer ao outro o seu direito a ser diferente<sup>32</sup>, a respeitar a diversidade<sup>33</sup>, a assumir a unidade enriquecida pela diversidade reconciliada<sup>34</sup>, a acolher o outro<sup>35</sup> e a deixar-se interrogar pelo outro<sup>36</sup>.

– *Do entrincheiramento ao campo aberto onde se combate pelo Reino*. Trata-se de formar fraternidades abertas, missionárias e não casas góticas com complexo de cerco. O lugar dos consagrados não é na retaguarda cómoda onde não se correm riscos, mas na linha da frente onde se luta e se arrisca tudo pelos valores do Reino: justiça, solidariedade, paz. Menos autorreferencialidade (haveria menos neuróticos), menos desgaste em batalhas internas (especialmente se forem batalhas para alcançar o poder) e mais saída, mais missão<sup>37</sup>.

### **2.3. Habitar as periferias e ouvir “o grito aflitivo” dos pobres**

A vida consagrada nasceu para estar nas fronteiras existenciais e nas fronteiras do pensamento, como nos repete frequentemente o Papa Francisco, entendendo por periferia “pessoas e coisas, lugares e contextos, que permanecem nas margens da vida e da atenção não só pública, mas também privada; não só fora de nós mesmos, mas também dentro de nós; não só no mundo em geral, mas também na Igreja”<sup>38</sup>. As periferias são lugares que geralmente se caracterizam por serem menos seguros, mais expostos a situações de caos, que levam a contar menos na

---

<sup>29</sup> Este é o convite que encontramos constantemente na Encíclica *Fratelli tutti*. Esta é uma das maiores contribuições que os consagrados podem dar à construção de um novo mundo, animado pela fraternidade e pela amizade social.

<sup>30</sup> Considero urgente a evangelização do serviço da autoridade para que não se transforme em poder, propiciando todo o tipo de abusos. Cf. CIVCSVA, *Vinho novo, odres novos. A vida consagrada desde o Concílio Vaticano II e os desafios ainda em aberto. Orientações* (2017) 19-21.

<sup>31</sup> Cf. FRANCISCO, *Ft*, 256.

<sup>32</sup> Cf. FRANCISCO, *Ft*, 218.

<sup>33</sup> Cf. FRANCISCO, *Ft*, 220.

<sup>34</sup> Cf. FRANCISCO, *Ft*, 280.

<sup>35</sup> Cf. FRANCISCO, *Ft*, 143.

<sup>36</sup> Cf. FRANCISCO, *Ft*, 142.

<sup>37</sup> Cf. FRANCISCO, *Carta apostólica a todos os consagrados* (2014) II, 4.

<sup>38</sup> CENCINI, AMEDEO, *Abrazar el futuro con esperanza. El mañana de la vida consagrada*, Maliaño, Cantabria, 2019, 110.



sociedade. As periferias obrigam-nos a viver em estado de êxodo, a ser itinerantes, a sair do centro para ir às zonas marginais.

É evidente que a opção pelos pobres e pelas periferias nos pede para “sair” de nós mesmos, pôr de lado as pequenas querelas internas, ser menos autorreferenciais, *primeirear*, tomar a iniciativa em tudo o que implica amar, solidarizar-se, acompanhar, festejar e celebrar com todos, especialmente com os pobres<sup>39</sup>. E isto, temos de admitir, não é fácil. Mas aqui está um desafio/possibilidade para os consagrados, um caminho aberto ao futuro<sup>40</sup>.

As razões que levam o Papa Francisco a fazer este apelo aos consagrados para irem às periferias são-nos dadas por ele próprio: “Há que ir à periferia para conhecer a realidade e o que é vivido [...] É necessário olhar tudo a partir da periferia”. Além de evitar que sejamos “ideólogos abstratos ou fundamentalistas”, isso permitir-nos-á “repensar continuamente a nossa vida religiosa”<sup>41</sup>. Talvez a periferia, mais do que qualquer outro lugar, nos obrigue a dar razão da nossa própria identidade, ao mesmo tempo que a torna mais visível e atrativa.

A vida consagrada, pela sua própria natureza, não pode centrar-se em si mesma, não pode alimentar o vírus da autorreferencialidade<sup>42</sup>, mas, na sua desapropriação e entrega, deve pôr-se ao serviço de todo o povo santo de Deus e principalmente dos mais vulneráveis. Não somos consagrados apenas para nós próprios, fomos chamados “a sair de nós mesmos para ir às periferias existenciais [...] Há toda uma humanidade à espera: pessoas que perderam toda a esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas, jovens sem qualquer futuro, doentes e idosos abandonados, ricos cheios de bens e com o coração vazio, homens e mulheres em busca de sentido da vida, sedentos do divino”<sup>43</sup>. Os nossos Institutos não nasceram de um olhar narcisista ou de uma reflexão meramente teórica, mas de uma frequência das periferias, do encontro, corpo a corpo com as pessoas mais vulneráveis, para cuidar das feridas e das dores dos homens e mulheres.

Se a vida consagrada quiser renascer e ressurgir com novo impulso de certa situação de prostração, tal será possível apenas se não se fechar em si mesma, se não ficar prisioneira dos seus problemas, se tiver a coragem de ir às periferias. Se o cristão é periférico pela sua própria vocação em relação ao mundo, a vida consagrada é, também por vocação, periférica em relação à vida da Igreja. Neste contexto, é bem conhecido o que o Papa espera dos consagrados: “gestos concretos de acolhimento aos refugiados, de proximidade aos pobres”, convencido de que a vida consagrada encontrará vida dando vida, esperança dando esperança, amor amando.<sup>44</sup>

A opção pelos pobres e pelas periferias não é um *opcional* nem um slogan ou uma simples opção social ou política. É uma opção por Jesus que “sendo rico se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza” (2 Cor 8,9); é vestir Jesus nos que estão nus, dar de comer e de beber a Jesus em quem está faminto e sedento, é visitar Jesus nos doentes e nos presos, é acolher Jesus no

---

<sup>39</sup> Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 213, 24.

<sup>40</sup> Este é o futuro que o Papa Francisco nos propõe em *Fratelli tutti* se quisermos construir um novo mundo animado pela fraternidade e pela amizade social. Este é o futuro da vida consagrada se quiser contribuir com o seu grão de areia para esta construção.

<sup>41</sup> FRANCISCO, *Encontro com os Superiores gerais*, 29 de novembro de 2013.

<sup>42</sup> Cf. RODRÍGUEZ CARBALLO, JOSÉ, *Tentaciones y caminos de futuro para la vida consagrada hoy*, en *Mayéutica* 41 (2015) 7-8.

<sup>43</sup> FRANCISCO, *Carta a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada* (2014) II, 1.

<sup>44</sup> Cf. *Idem*.

acolhimento do estrangeiro, é acompanhar Jesus acompanhando aqueles que fazem parte da cultura da rejeição (cf. Mt 25,35-36).

Os pobres são o coração do Evangelho. Assim pensa o Papa Francisco: “para mim, o coração do Evangelho são os pobres”<sup>45</sup>. Curar as feridas de um pobre é curar as feridas de Cristo. Eles são “um sinal sacramental”<sup>46</sup>.

Nesta perspetiva, para os consagrados a opção pelos pobres, os de sempre e os de hoje, tem uma motivação profundamente teológica: o nosso Deus é o Deus dos pobres, Deus escuta os seus gritos. Jesus fez-se pobre, experimentou a pobreza ao ponto de não ter onde reclinar a cabeça (cf. Mt 8,20). Se esta motivação estivesse clara, não seria tão difícil abraçar os pobres e leprosos dos nossos dias e, ao mesmo tempo, tornarmo-nos pobres com eles e como eles<sup>47</sup>.

Chamados como estamos a procurar e contemplar constantemente o rosto de Deus, iremos certamente procurá-lo e contemplá-lo na contemplação e na oração, na Eucaristia e na Palavra, mas também nos pobres<sup>48</sup>: “O coração de Deus tem um lugar preferencial para os pobres, tanto que até Ele se fez pobre (2 Cor 8,9). Todo o caminho da nossa redenção está marcado pelos pobres<sup>49</sup>. Unidos a Deus escutaremos o grito dos pobres<sup>50</sup>, até nos convertermos em instrumentos de libertação e promoção de quantos sofrem necessidade<sup>51</sup>. O nosso Deus é o Deus dos pobres (cf. Ex 3,7-8, 10; Tg 5,4).

Se a história da salvação começa quando Deus escuta a voz que lhe chega do sangue derramado de Abel pedindo justiça (cf. Gn 4, 1ss), se mais tarde Deus vê e escuta o sofrimento do seu povo no Egito e chama Moisés a libertá-lo (cf. Ex 2, 23-25; 3, 7-17), se Jesus tomou claramente partido pelos pobres, como aparece sobretudo no Evangelho de Lucas (cf. Lc 4,18), então nós, consagrados, não temos outro modo de ser senão procurando e contemplando o Senhor nos “rostos” desfigurados dos pobres, como desfigurado foi o rosto de Jesus, e ao mesmo tempo anunciando-lhes com gestos e palavras a boa nova da sua libertação. Não escutar Deus no grito dos pobres, não contemplar o rosto desfigurado de Jesus nos rostos desfigurados dos homens coloca-nos fora da vontade de Deus (cf. Dt 15,9).

Por outro lado, escutar é sempre necessário para quem não quer caminhar sozinho ou para quem quer responder adequadamente aos desafios que a vida lhe apresenta. Escutar o clamor de Deus em cada realidade humana, e particularmente nos pobres, é o critério básico de fidelidade para aqueles de nós que nos propusemos a seguir Cristo *mais de perto* e professamos uma fé histórica.

---

<sup>45</sup> FRANCISCO, *Carta e Entrevista com alguns jovens da Bélgica*, 31 de março de 2014.

<sup>46</sup> Cf. FRANCISCO, *Encontro com a delegação dos Amigos de Gabriel Rosset e e da Casa Notre Dame dos sem-abrigo*, 13 de dezembro de 2014; cf. FRANCISCO, *Ft*, 234.

<sup>47</sup> A releitura do voto de pobreza que somos chamados a fazer passa por tudo isto: uma vida de pobreza que não precise de muitas explicações para ser compreensível, uma vida de solidariedade com os últimos e mais necessitados. A este respeito, cf. M. Ángeles Gómez Limón, *Sobre el voto de pobreza. Reflexión y discernimiento*, en *Frontera/Hegian*, Vitoria, 2016, n. 90.

<sup>48</sup> Cf. CIVCSVA, *Partir de Cristo. Um renovado compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milénio*, Paulinas 2002, 34.

<sup>49</sup> FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 197.

<sup>50</sup> Sobre el particular, cf. CABALLERO, ARACELI Y AIZPURÚA, FIDEL, *La VR a la escucha del grito de la tierra y de los empobrecidos. Pobreza evangélica y compromiso*, en *Frontera/Hegian*, Vitoria 2016, n.88.

<sup>51</sup> FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 187.

O Espírito geme e grita nos que sofrem. É aí que podemos e devemos escutar e “tocar com a mão” o Deus da história ao ponto de deixar que seja o Senhor a mudar o nosso coração: de um coração de pedra, insensível e indiferente a um coração de carne, sensível e misericordioso (cf. Ez 11,19; 36,26). Isto levar-nos-á a ser solidários com os pobres<sup>52</sup> e a responder com grande fantasia e criatividade – a caridade é sempre criativa e floresce em mil rostos – às novas formas de desumanização, de pobreza e de exclusividade, “surpreendendo o mundo com novas formas de amor evangélico ativo face às necessidades do nosso tempo”<sup>53</sup>. E não só, a mudança de coração levará os consagrados a lutar para “erradicar as causas nas quais esta necessidade tem a sua origem”<sup>54</sup>. A vida consagrada deve estar na *vanguarda* na defesa da vida ameaçada, na proposta de uma nova forma de vida, possível e necessária, e na luta contra toda espécie de injustiças.

Esta é a opção de Jesus (cf. Lc 4,18). Esta deve ser a opção daqueles que querem ser os seus ícones vivos, parábolas do seu modo de viver neste mundo. Esta é a opção dos nossos fundadores e fundadoras e esta deve ser a opção daqueles que querem *reproduzir* a sua fidelidade e a sua santidade<sup>55</sup>. É urgente que a vida consagrada recupere o verdadeiro *sentido do pobre* como *carne de Cristo* (cf. Mt 25, 31ss), tal como fizeram os nossos fundadores e fundadoras.

Deste modo, a opção pelos pobres não será simplesmente assistencialista. O verdadeiro sentido do pobre levará os consagrados aos lugares de fronteira, às periferias existenciais, a lugares onde outros habitualmente não podem ir, a “deixar as seguranças do já conhecido para se lançarem em ambientes e ocupações para eles desconhecidos”<sup>56</sup>, como expressão da sua mística e da sua profecia.

## **2.4. Ser profetas, não pensar sê-lo**

A opção pelos pobres e vulneráveis e a escuta dos últimos, de que falámos, faz parte da dimensão profética que somos chamados a viver. Nisso apostamos a nossa credibilidade. Apesar de esta dimensão ser “inerente à vida consagrada”<sup>57</sup> e um elemento constitutivo da nossa vocação e missão<sup>58</sup>, temos que reconhecer que a sua revalorização na vida consagrada é relativamente recente e não isenta de problemas.

Em comunhão com o povo santo de Deus, do qual nós, consagrados, fazemos parte a pleno título pelo batismo, fomos chamados a manter viva a lâmpada do profetismo, a exercer um ministério profético no mundo e na Igreja. Não podemos renunciar a ser profetas: dar voz a quem não a tem, reclamar justiça onde não existe. Fomos ungidos para anunciar a Boa Nova aos pobres, enviados para proclamar a libertação aos cativos, dar vista aos cegos e a liberdade aos oprimidos (cf. Lc 4,18). A “nota característica da vida consagrada é a profecia”<sup>59</sup>.

---

<sup>52</sup> Cf. FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 189.

<sup>53</sup> CIVCSVA, *Partir de Cristo. Um renovado compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milénio*, Paulinas 2002, 36.

<sup>54</sup> *Idem*.

<sup>55</sup> JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, 37.

<sup>56</sup> CIVCSVA, *Partir de Cristo. Um renovado compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milénio*, Paulinas 2002, 36.

<sup>57</sup> Cf. FRANCISCO, *Carta a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada* (2014) II, 2.

<sup>58</sup> JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, 84.

<sup>59</sup> FRANCISCO, *Carta a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada* (2014) II, 2.

Por outro lado, nós, consagrados, não podemos brincar a ser profetas, é necessário sê-lo. Para isso, como já afirmava *Vita consecrata*, devemos recordar que “o testemunho profético exige a busca constante e apaixonada da vontade de Deus, a comunhão eclesial generosa e imprescindível, o exercício do discernimento espiritual, o amor à verdade. Essa exprime-se também na denúncia do que é contrário à vontade de Deus e na exploração de novas vias para tornar o Evangelho presente na história, em vista do Reino”<sup>60</sup>. Não se trata, portanto, de identificar a profecia com a crítica fanática, com a simples contestação. O livro do Deuteronomio ilumina-nos a este respeito: A função do profeta no meio do povo é a de Moisés: guiar o povo à escuta, obediente da Palavra e conformar-se aos desígnios de Deus na história (cf. Dt 18,15-24).

É urgente que nós, consagrados, renovemos a nossa vocação e missão proféticas. Esta vocação e missão implica escutar o Senhor na sua Palavra. O profeta é “servo da Palavra”. Não tem palavra própria. O profeta, como o próprio Jesus (cf. Jo 8, 38; 12, 42), diz o que escuta. O profeta, como Moisés (cf. Ex 31, 11), é aquele que tem familiaridade com Deus e fala com ele, como com um amigo.

É evidente que ser profeta nunca foi fácil, muito menos hoje: só é possível responder a este desafio a partir de uma experiência profunda do encontro com Jesus.

A vocação e missão profética implica também a escuta de Deus no grito dos pobres. Os tempos que estamos a viver, caracterizados pela falta de humanismo, levam-nos a isso. Os limites aos quais chegou a pobreza, a violência, o terrorismo, a fome e a exclusão atingem níveis alarmantes. O grito aflitivo dos pobres por um mundo mais justo e mais humano não nos pode deixar indiferentes. É urgente que nós, consagrados, trabalhemos para dar uma resposta a tanto sofrimento, se também quisermos que a nossa vida seja mais atraente e fascinante, particularmente para os jovens. Mas também aqui é necessário recordar que só a partir de um encontro pessoal e duradouro com a pessoa de Jesus podemos ser compassivos e fazer uma opção clara pelos últimos.

A escuta de Deus de que falamos deve também realizar-se através da escuta da criação, *sacramento* do Criador, que, devido aos abusos do homem e pensando nela apenas como um “recurso económico”, está a empobrecer-se ao ponto de se pôr em perigo como “casa”<sup>61</sup>. O grito da criação sobe ao Criador clamando liberdade<sup>62</sup>. A nossa resposta a este grito passa por “amá-la e não apenas usá-la”; passa por sentirmo-nos “intimamente unidos a ela e não só defendê-la [...], reconhecendo os laços com que o Pai nos uniu a todos os seres”<sup>63</sup>; passa por vê-la como “lugar teológico, um espaço onde o próprio Deus se revela e convoca os seus filhos”<sup>64</sup>.

Se este desafio profético for levado a sério, a vida consagrada suscitará admiração<sup>65</sup>, e certamente mais vocações. O testemunho da vida consagrada nestes momentos passa necessariamente por *escutar Deus e responder ao mundo; escutar o mundo e responder a Deus*<sup>66</sup>.

---

<sup>60</sup> JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, 84.

<sup>61</sup> Cf. FRANCISCO, Exortação apostólica *Querida Amazônia* (2020) 48.

<sup>62</sup> Cf. SÍNODO DOS BISPOS SOBRE A AMAZÓNIA, *Instrumentum Laboris*, 8.

<sup>63</sup> Cf. FRANCISCO, Exortação apostólica *Querida Amazônia* (2020) 55.

<sup>64</sup> Cf. FRANCISCO, Exortação apostólica *Querida Amazônia* (2020) 57.

<sup>65</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, 82.

<sup>66</sup> Cf. AUTORES VÁRIOS, *Escuchar a Dios y responder al mundo; escuchar al mundo y responder a Dios*, em *Vida Religiosa* 5/2015/vol.118.

## 2.5. Cuidar da pessoa, inovar as estruturas

O Evangelho convida-nos, em repetidas ocasiões, a pôr no centro as pessoas e não tanto as estruturas (cf. Mc 2, 23-28; 3, 3, 1-6). Não faltam à vida consagrada estruturas herdadas de um passado “glorioso”, mas que hoje não lhe permitem “respirar” devido a tantos fatores: idade avançada de muitas das nossas comunidades e redução numérica, entre outros.

Em muitos casos, a “luz vermelha” já está acesa há muito tempo e o grito de muitos está a fazer-se ouvir: não podemos gerir tantas estruturas, não queremos sucumbir ao peso de muitas delas. Todos estamos conscientes de que temos de fechar certas estruturas, não podemos manter todas as presenças de algumas décadas atrás. Pensar o contrário seria de pessoas utópicas que não têm a coragem de “pôr os pés no chão”. Temos de estar bem conscientes de que a vida consagrada já não pode sustentar o aparelho estrutural que tem no presente, porque não garante o futuro, porque já não garante o presente. Sem mudanças estruturais significativas, a vida consagrada dificilmente poderá ser canal para o carisma num futuro não muito distante.

É verdade que a vida consagrada, particularmente a vida religiosa, necessita de estruturas: estruturas para acolher e formar os jovens, estruturas para acolher e acompanhar os idosos, estruturas para a animação da vida de uma comunidade ou instituto. Penso que é irrealista pensar uma vida consagrada sem um mínimo de estruturas. Mas estas devem servir as pessoas e estar ao serviço do carisma e não as pessoas sirvam as estruturas ou que as estruturas esbatam o carisma. Por muitas razões, conhecidas de todos, a vida consagrada precisa de estruturas leves, que ponham no centro a pessoa dos irmãos e irmãs e que tornem visível o carisma. A vida consagrada precisa de sair de esquemas de consumo e de poder e viver uma experiência mística para refletir Deus.

Em relação às estruturas, temos de nos livrar de todas as que não são compatíveis nem com o cuidado das pessoas nem com o carisma; temos de inovar as que consideremos necessárias para continuar a tornar visível o carisma e possível a missão do instituto; e temos de criar outras para ir ao encontro das novas necessidades.

É urgente avançar para presenças carismáticas significativas, em que a qualidade das pessoas ultrapassa a quantidade, tal como é urgente privilegiar serviços discretos e menos exigentes no plano das forças necessárias, mas mais na linha dos nossos carismas. Devemos ter a coragem de deixar a outros a gestão das nossas próprias obras, reservando para nós, na medida do possível, a sua animação espiritual. Devemos especializar-nos na colaboração com outras realidades e, claro, com os leigos.

O que temos de evitar é que as situações nos tomem a dianteira e que tenhamos de fechar estruturas sem um mínimo de discernimento, apenas por falta de “mão-de-obra”, gerando uma sensação de morte mais ou menos lenta. O que devemos evitar é a de uma simples gestão da morte. O que devemos evitar é deixarmo-nos levar pelo *business* para assegurar uma velhice ou uma “morte boa e confortável”, sem que nos falte nada. É urgente, ao invés, procurar um equilíbrio entre o cuidado das pessoas e a gestão das estruturas. É urgente inovar as estruturas. A simples adaptação já não é suficiente. É necessário entrar num caminho de inovação.

Aqui, como em tudo o resto, é necessário um discernimento sério e responder a questões como estas: onde estamos e onde devemos estar, como estamos e como devemos estar, o que nos pede o Evangelho nestes momentos, o que nos pede o nosso carisma dentro da fidelidade dinâmica que a Igreja nos pede?<sup>67</sup>.

## **2.6. Optar por uma formação artesanal**

Na base de tudo isto está uma formação adequada às circunstâncias atuais, tanto pessoais como sociais e culturais. Percorremos um longo caminho na formação, particularmente na formação inicial, talvez não tanto na formação permanente, passando de um modelo formativo de identificação com os ideais ou de assimilação de conteúdos doutrinários e práticos para uma conceção da formação como processo pessoal de crescimento. É evidente, porém, que o caminho que nos espera continua a ser muito longo e talvez cansativo, porque implica a procura de novos modelos formativos que levem os consagrados a uma renovada fidelidade vocacional e a uma presença mais significativa na Igreja e na sociedade.

Isto exige que se respeitem alguns princípios fundamentais, tanto na formação permanente como na inicial, que já estão bem sintetizados em *Vita consecrata*<sup>68</sup>. Um destes princípios é que a formação seja integral e, como tal, que tenha em conta a totalidade da pessoa, para que esta possa desenvolver de forma harmoniosa os seus dotes físicos, psíquicos, morais e intelectuais e todas as suas dimensões: humana, espiritual, apostólica, cultural, carismática. Outro princípio fundamental é que seja personalizada, apropriada ao processo de cada um, adaptando-se ao ritmo real de crescimento de cada sujeito. E visto que deve ser adequada a cada pessoa, a formação deve ser progressiva e gradual. A formação deve ser também experiencial, deve favorecer experiências concretas de estilo de vida e dos valores próprios do carisma. A formação, além disso, é tarefa para toda a vida, por isso toda a formação é permanente: um processo que nunca termina. E tudo isto requer que seja acompanhada, o que exige formadores apropriados e não improvisados.

## **3. PARA CONCLUIR**

O discurso sobre a vida consagrada, a cultura atual e a Igreja de hoje é muito delicado. Em muitos casos trata-se de escolher entre vida ou morte. Vejo a vida na capacidade que a vida consagrada tem manifestado ao longo dos séculos para renascer à maneira de Nicodemos. Uma vez mais a vida consagrada deve transformar-se em alternativa mística face à crise global. Segundo o Papa Francisco, a Vida Consagrada deve *deixar a varanda e entrar na procissão*. Deve caminhar bem entranhada na realidade das pessoas, sem nunca esquecer a sua razão de ser: parábolas de Jesus pobre, casto e obediente. Jesus e o seu projeto, como já dissemos, deve ser tudo. Nós, consagrados, provocados também pela pandemia que estamos a sofrer, devemos continuar a aprofundar a identidade mística e profética, fundada na Palavra e na Eucaristia, e rever as estruturas num processo quotidiano que leve à revitalização.

---

<sup>67</sup> JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, 37.

<sup>68</sup> JOÃO PAULO II, *Vita consecrata*, 65.

Nós, consagrados, não podemos ignorar os grandes desafios que nos chegam do mundo e da própria Igreja. Não podemos olhar para o lado ou esconder a cabeça debaixo da areia com medo das duras exigências que a resposta a estes desafios implica. Os diagnósticos são muitos e geralmente bem feitos, assim como as perspectivas de futuro, mesmo que ainda não exista a força necessária para fazer surgir o novo paradigma.

Não será necessário romper, destruir para construir um novo paradigma? Escutemos uma parábola.

Um peregrino caminhava quando encontrou um homem que se parecia com um monge e que estava sentado no campo. Perto dele estava um grupo de homens que trabalhavam ao lado de um edifício de pedra.

- *Parece um monge*, disse-lhe o peregrino.
- *E sou*, respondeu o monge.
- *Quem são estes homens que trabalham na abadia?*
- *Os monges*, respondeu. *Eu sou o abade.*
- *É magnífico ver construir um mosteiro*, disse o peregrino.
- *Estamos a destruí-lo*, disse o abade.
- *A destruí-lo?*, exclamou o peregrino. *E porquê?*
- *Para poder ver o sol nascer todas as manhãs.*

A vida consagrada deve estar vigilante para ver o sol nascer todas as manhãs. Deve estar consciente de que o que revela o futuro é o presente vivo. Só o presente tem a força de concentrar o tempo: o passado e o futuro clarificam-se no presente, e a seta do futuro, em vez de apontar para um amanhã indefinido, aponta para o aqui e agora onde tudo acontece. O presente recapitula o passado e o futuro e dá sentido a tudo.

Ao viver o presente com paixão, a vida consagrada converter-se-á em *fogo que acenderá outros fogos*.